

**Autor:**

*Carlos Sousa e Silva*

[silvacarlosrogerio@gmail.com](mailto:silvacarlosrogerio@gmail.com)

**Título:**

*Historia Regum Britanniae: Cassibelauno e a prefiguração da Excalibur*

**Resumo:**

Pouco conhecido ou pouco considerado no seio da investigação sobre temas arturianos, o texto da *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth, encerra ainda assim um conjunto de informações e de sentidos dignos de nota, e reveladores não apenas do ambiente europeu letrado da primeira metade do século XII, mas também dos propósitos político-legitimatórios que animam o autor ao serviço da dinastia anglo-normanda. Entre os motivos narrativos aí manobrados, é possível encontrar, em torno da figura do rei Cassibelauno, um antecedente provável para a célebre prova da espada vitoriosamente concluída por Artur que, alguns decénios mais tarde, Robert de Boron virá a construir em torno da Excalibur.

**Palavras-chave:**

*Historia Regum Britanniae; Cassibelauno; Excalibur; César; anglo-normandos; romanos.*

**Abstract:**

So far, the *Historia Regum Britanniae* of Geoffrey of Monmouth has not been taken into consideration by scholars of Arthurian Studies. However, this historiographical text provides a set of remarkable information and meanings which reveal not only the cultural environment of the first half of the 12th century, but also the political and legitimacy goals of an author writing under the patronage of the Anglo-Norman dynasty. Among the narrative motifs present in this work, the figure of King Cassibelaunus is worthy of a careful analysis, since it can be interpreted as a potential antecedent to Robert of Boron's version of the Excalibur episode, in which the famous challenge of the sword in the stone successfully completed by Arthur makes him king.

**Keywords:**

*Historia Regum Britanniae*; Cassibelaunus; Excalibur; Caesar; Anglo-Normans; Romans.

**Como citar este artigo:**

Carlos Sousa e Silva, "*Historia Regum Britanniae*: Cassibelaunus e a prefiguração da Excalibur", in *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, n.º 2, 2017, pp. 113-133.

DOI: 10.21747/21839301/gua2a7

**HISTORIA REGUM BRITANNIAE  
CASSIBELAUNO E A PREFIGURAÇÃO DA EXCALIBUR**

Carlos Sousa e Silva  
Universidade do Porto

A *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey Monmouth, seguramente escrita durante a segunda metade da década de 30 do século XII<sup>1</sup>, é imagem modelar do que conhecemos do panorama literário de uma época da Europa que quase desconhecia ainda o uso das línguas vulgares, e inaugura aquilo que se tornará nas décadas subsequentes um movimento literário europeu, ao qual frequentemente se chama “literatura arturiana”, inscrita na «*matière de Bretagne*», e que, como afirma Köhler<sup>2</sup>, reflete o duplo projeto do mundo feudal e cortês: a legitimação histórica e a elaboração de mitos, trazendo à cena, pela primeira vez, as célebres lendas de Artur, Leir ou Cimbelin.

Aprofundando Köhler, diremos que a “elaboração de mitos” não deve ser vista como um projeto em si mesmo, contíguo à legitimação histórica. O que acontece de facto é que os mitos são evocados ou recriados com o objectivo de construir uma realidade histórica territorial, étnica e dinástica, assente numa base genealógica<sup>3</sup>, que preenche um período de mil e novecentos anos, desde Bruto, bisneto do Troiano Eneias. Ou seja, trata-se de evocar os mitos troianos, até ao último rei, Cadvaladro<sup>4</sup>, construindo uma sequência temporal legitimadora do poder normando que governa a Grã-Bretanha do século XII<sup>5</sup>.

De facto, este foi um século de intensas guerras civis, resultantes da instalação do poder normando. Portanto, esta obra, escrita durante os primeiros anos dos confrontos, visa, claramente, apoiar o partido da aristocracia anglo-normando. Todavia, não deixa de sancionar a guerra encabeçado por estes, alertando, assim, para “os perigos da guerra civil”<sup>6</sup>. Geoffrey, portanto, apesar de absolutamente parcial, uma vez que apoia

---

<sup>1</sup> Sobre esta obra inaugural da literatura arturiana, ver Faral (1929); Cuenca (1987: 12); Mathey-Maille (1992); Boutet (1994).

<sup>2</sup> Cf. Köhler (1974: 27).

<sup>3</sup> Cf. Mathey-Maille (1992: 10).

<sup>4</sup> Cf. Cuenca (1987: 13).

<sup>5</sup> Cf. Mathey-Maille (1992: 10)

<sup>6</sup> Dalton (2005: 689-690)

um dos lados, surge como um “peace-maker”. Neste sentido, inscreve na sua obra um forte pendor didático. Para além disso, o autor refere-se a Deus, de forma constante, embora obviamente anacrónica, como que a querer lembrar que os pecados e/ou crimes dos homens são punidos por Ele, e trazem a desgraça à nação; algo que vemos claramente no final do livro IV, uma vez que, por causa da traição do príncipe bretão, o país caiu, por fim, nas mãos dos Romanos.

Este propósito da composição de uma obra ao serviço das circunstâncias políticas coevas, comum na época, torna-se ainda mais evidente se notarmos que o manuscrito mais antigo da *Historia Regum Britanniae* tem como destinatário Robert Gloucester, filho bastardo do rei Henrique I e conde da Normandia, que chega à Inglaterra «with 140 horsemen, to support the cause of his sister, the empress Matilda»<sup>7</sup>.

Assim, olhando à superfície, se por um lado, temos o claro aviso acerca dos prejuízos da guerra, por outro, temos a manifesta necessidade de justificação da causa normanda e sua legitimação. No entanto, aqui não estamos propriamente perante aquilo que Köhler diz ser um «duplo projeto do mundo feudal e cortês: a legitimação histórica e a elaboração de mitos» (embora também as haja), mas antes diante do duplo processo de «progrès culturel et d’affirmation étatique» que emerge no Ocidente do século XII<sup>8</sup> e que é o verdadeiro propósito de Geoffrey: fazer a síntese entre legitimação e afirmação ética. Na verdade, havia, à época, muitas *Historiae* com os mesmos objetivos mencionados por Köhler, como a *Historia Anglorum* de Henry of Huntingdon, a de Gildas, entre outras; mas não foi por acaso que a do clérigo de Oxford foi aquela que se impôs e foi mais difundida, não só na Grã-Bretanha, mas por toda a Europa Ocidental<sup>9</sup>.

Neste sentido, apesar de profundamente literária e da indubitável introdução de mitos, Geoffrey de Monmouth não deixa que o seu texto extravase as fronteiras do verosímil, mas tenta trazer-lhe o máximo de *auctoritas* possível, reivindicando para o mesmo «a verdade», pelo que começa por dizer que a sua obra é uma simples tradução de um original escrito em bretão, hipótese na qual apenas alguns celticistas acreditam, enquanto a larga maioria dos estudiosos crê que aquele é apenas mais um falso argumento de reclamação de autoridade, tal como outros. Por exemplo, a *Historia Regum Britanniae* cita muitas vezes, e explicitamente, o *De excidio et conquestu Britanniae*, de Gildas. Contudo<sup>10</sup>, a maior parte dessas referências assinaladas são falsas. Por outro lado, a citação efetiva da obra de Gildas não é devidamente identificado pelo clérigo.

---

<sup>7</sup> Cf. Aurell (2007: 105); Dunn (1919: 281).

<sup>8</sup> Cf. Aurell (2007: 101).

<sup>9</sup> Fletcher (1901: 466) justifica-o, comentando que «Geoffrey’s version is either better than the others from an artistic point of view or else more politic».

<sup>10</sup> Cf. Mathey-Maille (1992: 14).

Ainda assim, esta preocupação de «faire vrai» penetra na própria estrutura narrativa. Na obra de Geoffrey de Monmouth, as estruturas narrativa e épica são dificilmente dissociáveis, havendo, como tal, uma oscilação constante entre a história e a ficção<sup>11</sup>. Porém, mesmo nos episódios lendários, como é a história do rei Cassibelauno que aqui traduziremos e exploraremos mais detalhadamente, os indicadores temporais e a descrição dos espaços dão uma forte impressão de realidade, bem como os relatos de batalha, que seguem sempre um mesmo modelo, e a nomeação dos combatentes, diríamos até à maneira homérica, indubitável fonte deste texto.

Para além dos autores clássicos gregos e latinos e dos da Alta Idade Média, esta obra tem claras influências de lendas autóctones e do folclore céltico, como o denuncia a própria inclusão da *Prophetiae Merlini*, obra anterior de Geoffrey, no corpo da *Historia Regum Britanniae*, tendo este aspecto, todavia, sido já intensamente averiguado<sup>12</sup>.

No fundamental, o que Geoffrey de Monmouth oferece naquela que virá a ser a obra fundacional do mundo arturiano – destinado a ser amplamente divulgado, ao longo do século XII, por Wace, Chrétien de Troyes ou Robert de Boron, entre outros – é o advento de uma filosofia da história que mistura o paradigma vergiliano, de uma historiografia que contempla as vertentes genealógica, profética e até erótica<sup>13</sup>, com a visão pós-agostiniana, que se virá a impor em todo o ciclo arturiano, tendo como referência o confronto permanente entre a sociedade humana e o ideal da Cidade de Deus que naquela se deve projetar<sup>14</sup>.

A história de Cassibelauno, nas partes dos Livros III e IV que são traduzidas, destacando, dentre as três perspetivas de que falámos, a genealógica, partilha de uma tradição historiográfica, que vem de Tito Lívio, da apresentação de grandes reis e fundadores que preparam a vinda do maior dos seus descendentes e o apogeu da História, que, neste caso, será a figura e o reinado Artur. Todavia, ao contrário do autor clássico, é agora colocado um peso crescente na questão do sangue e da linhagem, o que mais uma vez evidencia o interesse do grupo social para a qual Geoffrey escreve e cuja reclamação de poder legítima.

Neste sentido, a história de Cassibelauno começa, na parte final do livro III, por um momento de descrição da sucessão régia, que, em primeiro lugar, serve o propósito de legitimação de que já falámos e que atesta que esta obra se insere num panorama de literatura genealógica, revelando o próprio texto que estamos perante um momento charneira no que diz respeito à noção de linhagem<sup>15</sup>. Na época em que é escrita, denota-

---

<sup>11</sup> Cf. Mathey-Maille (1992: 13).

<sup>12</sup> Sobre este vasto assunto, veja-se a síntese proposta em Loomis (1959).

<sup>13</sup> Cf. Ingledew (1994: 668).

<sup>14</sup> Sobre o assunto, ver Kennedy (1957); Boutet (165-182); Miranda (1999: 191-194).

<sup>15</sup> O termo “linhagem”, em latim *prosapia*, aparece explicitamente na carta de César a Cassibelauno (início do livro IV), quando o primeiro recorda às suas tropas as gloriosas origens troianas de todos os

se, claramente, a uma afirmação dos direitos de sangue e à convivência das noções de linhagem vertical e linhagem horizontal<sup>16</sup>, pois tanto temos casos de passagem do poder para os filhos/sobrinhos, como para primos, como se vê no caso de Idvalo e Enujano. Note-se que o próprio Cassibelauno sucede ao seu irmão e não ao seu pai e, para além disso, crescidos os filhos do antigo rei, o poder não passa para os infantes como seria o expetável nas monarquias europeias posteriores, segundo as quais Cassibelauno seria visto apenas como um regente. Aqui, como acabámos de constatar, tal não ocorre. Cassibelauno faz a partição do reino, porém, *imperabat*, fazendo dos sobrinhos apenas *duces*.

Posto isto, a introdução do episódio da invasão romana que se seguirá, não surge neste momento por acaso, mas funcionado simultaneamente como reconexão e evocação das raízes troianas da linhagem que se representara acima, como forma de enobrecimento da mesma.

Todavia, logo antes desse momento, vem um outro que Mathey-Maille (1992, 11) encara como uma pausa narrativa, ou melhor, como uma narração rápida de eventos que faz progredir o tempo a um ritmo acelerado, mas que, ao mesmo tempo, permite ao clérigo de Oxford introduzir uma componente etiológica, conforme, mais uma vez, o modelo historiográfico grego de Heródoto, explicando, de forma fictícia, obviamente, a evolução do nome da cidade de Londres, que começar por se chamar Trinovanto<sup>17</sup>, depois Kaerlud, “por corrupção do nome” Kaerloudien, em seguida Londene e, após a conquista romana, Londres.

Para além da componente etiológica, insere-se aqui um eco bíblico óbvio, a fundação de uma cidade escolhida e edificada à maneira de Jerusalém, cercada de muralhas e torres, distinta de todas as outras cidades; em suma, literariamente construída de forma a fazer dela e, por extensão, da pátria, uma espécie de Terra Prometida e, conseqüentemente, permitindo que a invasão romana seja vista como um ultraje, ou mesmo uma barbárie.

Porém, voltando de novo à questão do nome da cidade, ao longo da história de Cassibelauno, Geoffrey refere-se-lhe sempre como «Trinovanto», o nome «original», o que, por si mesmo, já nos permite entrever o tema antirromano que atravessa todo este excerto da obra. Este tema volta a ser retomado implicitamente logo no início do livro IV, pois facilmente reparamos, que a carta escrita por Cassibelauno, para além de mais extensa do que o discurso proferido de César, faz uso de estruturas gramaticais bastante mais complexas do que as de César, tanto no uso de orações subordinadas finais e

---

Romanos. Sobre a evolução e enraizamento deste conceito ao longo dos séculos XII e XIII, ver Vauchez (1977); Genicot (1978); Duby (1998); Mattoso (...), Martin/Miranda (2011).

<sup>16</sup> Sobre o funcionamento social destes duas perspectivas da ideia de linhagem, ver Miranda (2012).

<sup>17</sup> O nome Trinovanto é uma reutilização que Geoffrey faz de a crónica de Bede, anterior à sua, que, por sua vez, vem de uma cidade epónima habitada por uma tribo nativa a quem César chama “trinobantes”.

condicionais, como de outros mecanismos que a fazem primar pelo estilo, superiorizando-se a linguagem de Cassibelauno à de César.

Por outro lado, deixando agora os aspetos formais, na carta do rei da Britânia, aparece por quatro vezes diferentes formas causais do substantivo latino *libertas*, *libertatis*. o que faz desta uma noção essencial da identidade bretã, tal como moldada por Geoffrey de Monmouth. De facto, Cassibelauno, ao concluir a carta, vinca profundamente que «nós [os Bretões], em defesa do reino e da liberdade, (...) seremos incansáveis, estaremos preparados para não recuar e enfrentar a morte». A liberdade, como verificamos no relato da primeira batalha, é novamente apresentada como fator identitário e de união entre os vários chefes do lado bretão, como se comprova em «Todos estes, determinados a defender a liberdade (...)». Deste modo, quase ironicamente, são os Bretões aqueles que se mostram mercedores das suas origens troianas, «à l'image de leur ancêtres Troyens refusant la servitude grecque»<sup>18</sup>.

A figura de César, em si mesma, é sempre vista através de um espelho convexo em todas as crónicas inglesas medievais. Contudo, a estigmatização do mesmo é muito pior em Geoffrey do que, por exemplo, em Orósio ou em Bede<sup>19</sup>. Como mestre na desconstrução de figuras, tanto da individual de César, como da coletiva que são os romanos, o autor, já quando descreve a viagem desde a Gália até à Britânia, retira a tempestade que aparece noutros cronistas, substituindo-a por um “vento favorável”<sup>20</sup>. Ora isto não é inocente, porque não havendo tempestade, não há qualquer carácter épico na viagem, nem qualquer tipo de heroísmo da parte dos romanos. Por outro lado, ao mesmo tempo que o texto descreve as forças militares como mais ou menos equivalentes – especialmente através daquilo que Ingledew (1994: 678) denomina “a retórica da liberdade”, que já referimos –, o lado bretão chama a si uma “superioridade moral” que não existe obviamente do lado romano, uma vez que o próprio César tem uma certa dificuldade em justificar a sua invasão, para além de vingar a ofensa pela recusa do pagamento do tributo, razão puramente material, que nunca poderia rivalizar com a nobre defesa da liberdade.

Surge, porém, um outro dado interessante no relato da primeira batalha, pois é revelado que o comando militar de Cassibelauno é tido como fraco, visto que este falha em impedir o desembarque e acampamento de César. Todavia, esta estratégia narrativa não pretende, no nosso ponto de vista, humilhar Cassibelauno, mas antes diminuir ainda mais César, pois, mesmo perante um general fraco ou inexperiente, são os romanos que perdem a batalha e são obrigados a recuar para a Gália.

Quanto aos relatos de batalha que se seguem, tanto neste episódio, como ao longo de toda a *Historia Regum Britanniae*, eles são estereotipados, seguindo, portanto,

---

<sup>18</sup> Aurell (2007: 111).

<sup>19</sup> Cf. Dunn (1919: 280-287).

<sup>20</sup> Cf. Dunn (1919: 289).

um mesmo modelo<sup>21</sup>. Contudo, todos eles preparam a vinda do rei Artur na parte final da obra ou até prefiguram elementos que apareceram mais tarde noutros textos da literatura arturiana. Referimo-nos ao momento, que ocorre no final da primeira batalha, quando somos postos perante a cena em que Nénio, irmão de Cassibelauno, é traspassado pela espada de César, no que parece ser a prefiguração da *excalibor*, a famosa espada cravada na pedra que será prova da legitimidade do rei Artur para reinar, na literatura arturiana subsequente<sup>22</sup>. Neste caso, temos a espada cravada no corpo do irmão do rei e que César não consegue retirar “de modo nenhum”, mas que o próprio consegue e, apesar de ferido, continua a batalha combatendo com ela. Para além de este episódio introduzir de uma forma muito clara um ambiente maravilhoso que virá a ser mais tarde instrumentalmente usado com frequência na escrita arturiana, opera-se também, lenta e progressivamente, a legitimação da função superlativa de um guerreiro enquanto indivíduo, num processo que prenuncia já o futuro padrão da ideologia cavaleiresca, ainda que neste momento ainda não tenha muita expressão.

Na *Historia Regum Britanniae*, a cavalaria já tem um papel muito importante enquanto conjunto, visto que, como vemos nos relatos das duas batalhas, a vitória fica decidida após a entrada dessa força armada. Porém, o vocábulo usado é sempre *turmis* ablativo plural de *turma*, *turmae*, que significa ‘esquadrão de cavalaria’; por isso, apesar de a cavalaria ter já um grande destaque, ainda não se deu o passo que a literatura arturiana posterior dará, sobretudo a partir da tradução da obra para anglo-normando realizada por Wace: o da percepção e valorização do cavaleiro enquanto indivíduo, membro de um grupo, é certo, mas que se distingue pelas suas qualidades particulares e deve mostrar o seu valor. Logo, nesta fase embrionária da literatura arturiana, ainda não é possível encontrar uma noção como a de “o melhor cavaleiro”, que será central poucas décadas mais tarde<sup>23</sup>.

Assim, a façção da Britânia demonstra ser aquela que verdadeiramente descende da gesta troiana e de Eneias em particular. Eneias, no entanto, é um herói muito particular, cuja heroicidade não se evidencia em Tróia, mas na queda, qual Fénix que renasce das cinzas. Assim, em conformidade com o seu ancestral, Nénio, ferido letalmente, ergue-se e continua a lutar com a *Crocea Mors* que, como dissemos, é uma clara prefiguração da *excalibor* e de outras espadas mágicas que aparecerão na *Chanson de Roland*, remontando à tradição das sagas nórdicas<sup>24</sup>. Episódio este que, mais uma

---

<sup>21</sup> Como é confirmado por Mathey-Maille (1992: 12).

<sup>22</sup> Cena que surge, pela primeira vez, no *Merlin* de Robert de Boron donde transitará para o ciclo em prosa (circa 1220-1230) e para a memória cultural herdada por toda a Europa.

<sup>23</sup> Esta noção, articuladora da ideologia cavaleiresca, pode documentar-se, no plano histórico, em DUBY (1984); e na literatura arturiana, em MIRANDA (1998). Sobre a cavalaria enquanto paradigma histórico-imaginário, ver FLORI (1986) e KEEN (1984).

<sup>24</sup> Cf. DUNN (1919: 290).

vez, aproveita à humilhação de César, valoroso guerreiro, mas que, sem a sua espada mágica, de nada vale e perde a batalha, qual Sansão a quem o cabelo é cortado.

Por esta razão é possível afirmar que, neste texto, traçar uma fronteira entre a história e a epopeia é impensável<sup>25</sup>, sendo que, para além de momentos fabulosos como aquele que acabamos de referir, mesmo nos que pretendem uma descrição mais realista, há sempre uma comparação com elementos das epopeias antigas, como, na descrição da segunda batalha, a referência à “Caríbdis de paus”, que evoca, muito claramente, a *Odisseia* de Homero, uma indubitável fonte da obra de Geoffrey.

Além disso, a par do registo erudito que o autor usa, como vemos através de todas estas referências às obras da literatura ocidental, revelando-se um grande conhecedor do legado grego-latino e não só, Geoffrey de Monmouth não deixa de nos colocar diante de uma escrita bem-humorada. Assim, se, por um lado, o clérigo de Oxford inscreve ironia no seu discurso, como já vimos quando exploramos a questão da liberdade, por outro, introduz momentos de crítica sob a forma de paródia<sup>26</sup>, como é evidente nas comparações animais que faz em relação à figura de César, no intervalo entre a primeira e a segunda tentativa de invasão, *id est*, «este [César], que antes irradiava uma ferocidade de leão [e] tinha tirado tudo para eles próprios; agora, qual tenro cordeiro balindo com voz baixa, alegra-se em poder devolver tudo».

Em suma, a *Historia Regum Britanniae*, primeiro monumento de toda a literatura arturiana, revela-se central para a compreensão da mesma, por um lado, e, por outro, para entender com profundidade a época da sua composição, pois, como diz Aurell (2007: 164) «elle participe pleinement de la renaissance savante du XII<sup>e</sup> siècle, de ses découvertes rhétoriques, de ses explications scientifiques, de ses inventions philosophiques».

## **Bibliografia:**

Aurell, Martin (2007), *La Légende du Roi Arthur*, Paris, Perrin.

Boutet, Dominique (1992), *Charlemagne et Arthur ou le roi imaginaire*, Paris/Genève, Champion/Slatkine.

Cuenca, Luis Alberto de (1987), *Geoffrey de Monmouth, Historia de los Reyes de Britania* (3<sup>a</sup> edição) Madrid, Siruela.

Dalton, Paul (2005), “The topical concerns of Geoffrey of Monmouth’s *Historia Regum Britanniae*: history, prophecy, peacemaking and English identity in the twelfth century”, in *Journal of British Studies*, 44, pp. 688-712.

---

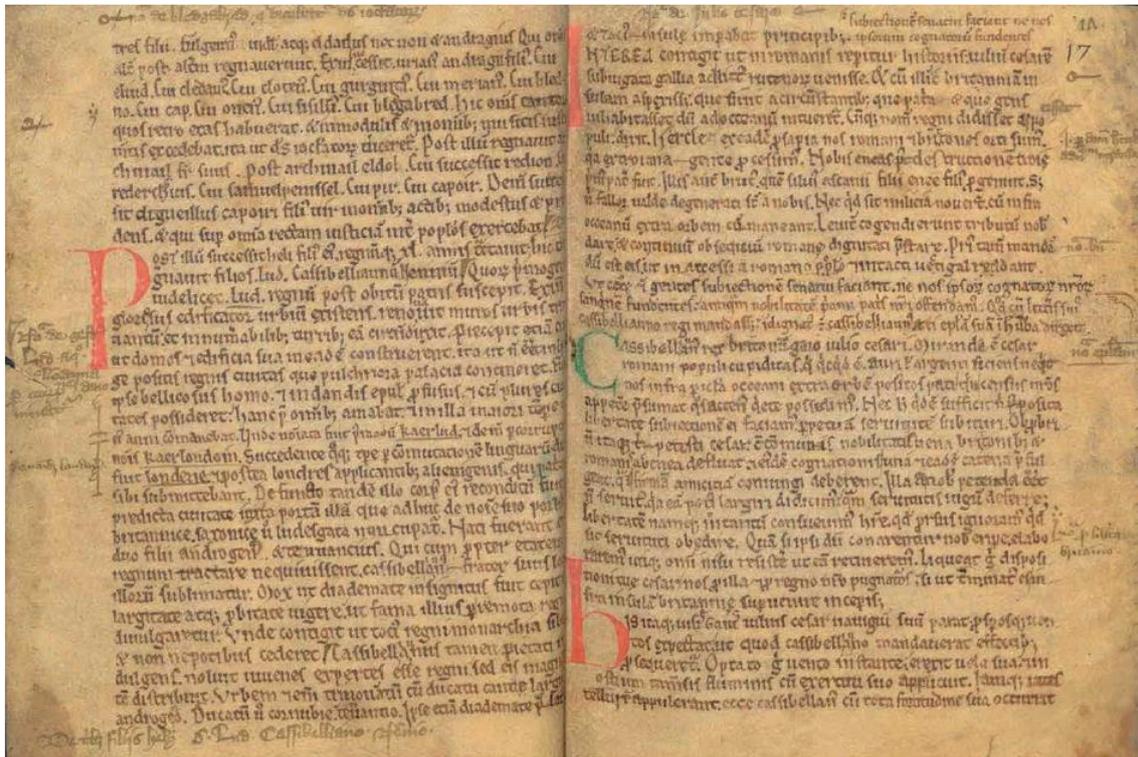
<sup>25</sup> Cf. Mathey-Maille (1992: 13).

<sup>26</sup> Cf. Mathey-Maille (1992: 14).

- Duby, Georges (1988), “Remarques sur la littérature généalogique en France aux XIe et XIIe siècles”, in *La société chevaleresque*, Paris, Seuil, pp. 167-180.
- Duby, Georges (1984), *Guillaume le Maréchal ou Le meilleur chevalier du monde*, Paris, Fayard.
- Dunn, Frederic S. (1919), “Julius Caesar in the English Chronicles”, in *The Classical Journal*, 5, pp. 280-294.
- Faral, Edmond (1929), *La Légende arthurienne, études et documents*. Ire partie: Les plus anciens textes, Paris, Champion, t. I: Des origines à Geoffroy de Monmouth; t. II: Geoffroy de Monmouth; t. III: Documents (Bibliothèque de l'Ecole des Hautes-Etudes, fasc. 255-257).
- Fletcher, Robert H. (1901), “Two notes on the *Historia Regum Britanniae* of Geoffrey of Monmouth”, in *PMLA*, 16, pp. 461-474.
- Flori, Jean (1986), *L'essor de la chevalerie XIe - XIIe siècles*, Genève, Droz.
- Genicot, Léopold (1975), “Les genealogies”, in *Typologie des Sources du Moyen Age Occidental*, fasc. 15.
- Gómez Redondo, Fernando (2013), “La materia de Bretaña y los modelos historiográficos: el caso de la *General estoria*”, in *e-Spania* [En ligne], 16 | décembre 2013, mis en ligne le 18 décembre 2013. URL: <http://journals.openedition.org/e-spania/22707>; DOI: 10.4000/e-spania.22707
- Grimal, Pierre (1989), *Diccionario de Mitología Griega y Romana*, Barcelona, Paidós [versão online: <https://atirolimpo.files.wordpress.com/2017/01/pierre-grimal-diccionario-de-la-mitologc3ada-griega-y-romana.pdf>)]
- Hammer, Jacob (ed., 1951), *Geoffrey de Monmouth, Historia Regum Britanniae: a variant version edited from manuscripts*, Cambridge, Medieval Academy of America [versão online: [https://cdn.ymaws.com/www.medievalacademy.org/resource/resmgr/maa\\_books\\_online/hammer\\_0057.htm](https://cdn.ymaws.com/www.medievalacademy.org/resource/resmgr/maa_books_online/hammer_0057.htm)]
- Hammer, Jacob (1940), “A commentary on the *Prophetia Merlini* (Geoffrey of Monmouth’s *Historia Regum Britanniae*)”, in *Speculum*, 15, pp. 409-431.
- Ingladew, Francis (1994), “The *Book of Troy* and the Genealogical Construction of History: The case of Geoffrey the Monmouth’s *Historia Regum Britanniae*”, in *Speculum*, 69, pp. 665-704.
- Keeler, Laura (1946), “The *Historia Regum Britanniae* and four mediaeval chroniclers”, *Speculum*, 21, pp. 24-37.
- Keen, Maurice (1984), *Chivalry*, London, Yale University Press.

- Kennedy, Elspeth (1957), "Social and Political Ideas in the French Prose *Lancelot*", in *Medium Aevum*, 26, pp. 90-106.
- Köhler, Erich (1974), *L'aventure chevaleresque. Idéal et réalité dans le roman courtois*, Paris, Gallimard.
- Mathey-Maille, Laurence (1992), *Geoffroy de Monmouth, Histoire des rois de Bretagne*, Paris, Les Belles Lettres.
- Martin, Georges e Miranda, José Carlos Ribeiro (2011), *Legitimação e Linhagem na Idade Média Peninsular. Homenagem a D. Pedro, Conde de Barcelos*, Porto, Estratégias Criativas.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (2012), "Do Livro de Lancelot aos Ciclos Arturianos", in Lênia Márcia Mongelli (org.), *De Cavaleiros e Cavalarias. Por Terras de Europa e Américas*, S. Paulo, Humanitas, pp. 305-312.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1999), *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito.
- Miranda, José Carlos Ribeiro (1998), *Conto de Perom, o Melhor Cavaleiro do Mundo*, (2ª edição), Porto, Granito.
- Parry, John Jay and Caldwell, Robert (1959), "Geoffrey of Monmouth", in Roger S. Loomis (ed.), *Arthurian Literature in the Middle Ages*, Oxford, Clarendon Press.
- Vauchez, André (1977), "«Beata stirps»: sainteté et lignage en Occident aux XIIIe et XIVe siècles", in *Famille et parenté dans l'Occident médiéval. Actes du Colloque de Paris (6-8 juin 1974)*, Rome, École Française de Rome, pp. 397-406.

Anexo I



Fólios 16v e 17r do ms 6319 da B.N. de Espanha (HRB)

## Anexo II

Para a presente tradução, utilizámos a edição de Hammer, Jacob (ed., 1951) dado não apenas ser a mais recente, como também ter sido realizada a partir de um leque mais alargado de manuscritos do que as edições anteriores. Todavia, temos bem presente que a consideração de novos testemunhos ainda mal conhecidos, como o ms 6319 da Biblioteca Nacional de Espanha<sup>27</sup>, pode e deve vir a suscitar a revisão do texto e também da respectiva tradução. A presente amostra da obra de Geoffrey de Monmouth dada a conhecer ao público português pretende, por isso, não ser mais do que uma etapa de um percurso necessariamente em progresso.

### LIBER TERTIUS

(...)

16. Eliduro successit <Regin>, nepos eius, Gorboniani filius, avunculum moribus et prudentia imitatus. Post hunc regnavit Moranus, Archgallonis filius. Qui etiam parentum exemplo serenatus, gentem suam cum tranquillitate rexit. Cui successit Enuianus, frater suus. Hic tractando populum iniuste et cum tyrannide exercens, sexto regni sui anno a regia sede depositus est. In cuius loco positus est cognatus eius Idwallo, Ingenii filius, qui eventu Enuiani correptus, ius atque rectitudinem colebat. Cui successit Runo, Pereduri filius; cui Genentius, Eliduri filius. Post hunc Catellus, filius eius; post Catellum Coillus; post Coillum Porrex. Porrecti successit Kerin. Huic nati fuerunt tres filii, Fulgenius videlicet et Eldaldus necnon et Andragius, qui omnes, alter post alterum regnaverunt.

Post hos successit Virianus, Andragii filius. Cui Cluid; cui Cledaucus; cui Dotennus; cui Gurgucius; cui Merianus; cui Bledudo; cui Capp; cui Oeneus; cui Sisillius; cui Bledgabred. Hic omnes cantores quos retro aetas habuerat et in

### LIVRO TERCEIRO

(...)

16. A Eliduro sucedeu Regin, sobrinho dele, filho de Gorboniano, que imitou o avúnculo no bom senso e nos costumes. Depois deste reinou Morgano, filho de Archgalon que também foi pacífico, conforme o exemplo dos antepassados governou o seu povo com brandura. A este sucedeu Enujano, seu irmão. Este ao dirigir o povo com injustiça e exercendo o poder como um tirano foi deposto do trono real no sexto ano do seu reinado. No lugar deste foi posto Idvalo um primo dele, filho de Ingénio, que, ensinado pela deposição de Enujano, praticava a justiça e a retidão. A este sucedeu<sup>28</sup> Runo, filho de Pereduro, a este Genêncio, filho de Eliduro. Depois deste reinou Catelo, filho dele; depois de Catelo, Celo; depois de Celo, Porrex. A Porrex sucedeu Kerin. Este tivera três filhos, a saber: Fulgénio, mas também Eldaldo e ainda Andrágio, que reinaram todos, um após outro.

Depois destes Viriano, filho de Andrágio, recebeu o poder. Ao qual sucedeu Cluid, a este Cledauco, a este Doteno, a este Gurgúcio, a este Meriano, a este Bledudo, a este Capp, a este Éneu, a este Sisílio, a este

<sup>27</sup> Cf. Gómez-Redondo (2013).

<sup>28</sup> A partir daqui suprime-se o verbo, conforme o texto latino. No entanto, subentende-se em todas as orações seguintes a forma verbal [sucedeu].

modulis et in musicis instrumentis excessit, ita ut deus ioculatorum diceretur. Post hunc regnavit Archianus, frater suus; post hunc Edol. Huic successit Reidion; cui Kederkius; cui Samuel Penissel, qui ante vocatus fuit Penuchel; cui Pir; cui Capoir; cui Eligueillus, Capoiri filius, vir in omnibus actibus modestus et prudens. Post hunc Heli, filius eius, regnumque quadraginta annis rexit. Hic tres genuerat filios, scilicet Llud, Cassibelaunum, Nennium. Quorum primogenitus, id est Llud, post obitum patris regnum suscepit. Hic gloriosus urbium aedificator existens, renovavit et sublimavit prae ceteris muros urbis Trinovantum et plurimis turribus circumcinxit eam praecepitque civibus ut palatia in ea construerent, ita ut non esset in longe positis regnis civitas quae huic posset parificari. Iste Llud bellicosus et satis probus existit et in dandis epulis profusus, et, cum plures civitates possideret, hanc prae ceteris ornavit. Unde postmodum, de nomine suo, Kaerllud dicta est ac deinde, per corruptionem nominis, Kaerloudein. Succedente tempore, propter commutationem linguarum, dicta est Lundene et postea Lundres, applicantibus alienigenis, qui patriam linguam in suam commutaverunt.

17. Defuncto tandem Lud, corpus eius reconditum est in praedicta civitate, iuxta portam illam quae adhuc de nomine suo Porthllud britannice, saxonice vero Leudegade nuncupatur. Nati fuerant ei duo filii, Androgeus et Tenuancius, qui cum adhuc aetate iuniores regni administrationi minime sufficerent, Cassibelaunus, eorum avunculus, loco illorum in regem sublimatur. Mox, diademate insignitus, tanta coepit largitate ac probitate pollere, ut fama illius undique divulgaretur, etiam in extrema regna. Nepotibus deinde surgentibus et adultis et ad virilem aetatem excretis, pietati indulgens, noluit illos omnino expertes regni esse, sed in partes tamquam ascivit, urbem

Blegabred. Este ultrapassou nas melodias e nos instrumentos musicais todos cantores que existiram em épocas anteriores de tal maneira que foi considerado o deus dos cantores. Depois dele reinou Arquiano, seu irmão; depois deste, Edol. A este sucedeu Reidion, a este, Kederkius, a este, Samuel Penissel, antes chamado Penuquel, a este, Pir, ao qual [sucedeu] Capoir, a este Eligueilo, filho de Capoir, varão modesto e sábio em todos os seus atos. Depois deste Helos, filho dele, governou o reino durante 40 anos. Este gerara três filhos, a saber: Lud, Cassibelauno e Nénio. Dos quais o primogénito, isto é, Lud, depois da morte do pai, recebeu o poder real. Este mostrando-se um grande construtor de cidades, renovou Trinovanto, ergueu diante das outras cidades as suas muralhas, cercou-a de torres muito espessas e ordenou aos cidadãos que nela construíssem residências imponentes de tal forma que não houvesse uma cidade nos reinos construídos ao longe que a esta se pudesse igualar. Lud mostrou-se belicoso, bastante virtuoso e generoso em dar banquetes e, embora possuísse numerosas cidades, distinguiu esta diante das restantes. Onde logo depois, no que toca seu nome, foi chamada Kaerlud e posteriormente, por corrupção do nome, Kaerloudein. No tempo que veio depois, chamou-se Londene, por causa da mudança das línguas, e depois Londres, [pois] quando os estrangeiros aportaram, alteraram-no completamente para a sua língua materna.

17. Por fim, falecido Lud, o corpo dele foi enterrado na dita cidade, junto àquela porta que ainda hoje, em conformidade com o seu nome, se designa Portlud em bretão; Leudegade em saxão. Este teve dois filhos, Androgeu e Tenuâncio, que como ainda eram muito jovens em idade e não estavam minimamente aptos para o governo do reino, Cassibelauno, o avúnculo deles, é elevado a rei no lugar deles. Passado pouco tempo, distinguido pelo diadema, começou a superiorizar-se por tal generosidade e integridade que a fama dele se espalhava por toda a parte, até mesmo pelos reinos mais longínquas. Em seguida, os sobrinhos foram crescendo, e já adultos, chegados à idade viril, [Cassibelauno], cedendo à piedade, não quis

Trinovantum cum ducatu Canciae tribuens Androgeo, ducatum Cornubiae Tenuancio. Ipse diademate praelatus, ipsi et totius regni principibus imperabat.

que aqueles fossem privados do poder, mas tomou Trinovanto em partes iguais, atribuindo o ducado de Cância a Androgeu e o ducado de Cornúbia a Tenuânncio. Ele mesmo, superior por trazer o diadema, imperava sobre eles e sobre os príncipes do reino inteiro.

#### LIBER QUARTUS

1. Interea contigit ut in Romanis reperitur historiis, Iulium Caesarem, subiugata Gallia, in Britanniam transisse; sic enim scriptum est anno ab Urbe Condita sescentesimo nonagesimo tertio, ante vero Incarnationem Domini sexagesimo anno. Iulius Caesar, primus Romanorum, Britones bello pulsavit, in navibus onerariis et actuariis circiter octoginta advectus. Cum enim ad litus Ruthenorum venisset et illinc Britanniam aspexisset, quaesivit a circumstantibus quae patria esset, quaeve gens inhabitasset. Cumque nomen regni didicisset et populi, ait:

«Hercle, ex eadem prosapia nos Romani descendimus, quia ex Troiana gente processimus. Nobis Aeneas post destructionem Troiae primus pater fuit, illis autem Brutus, Silvii Aeneae filius. Sed nisi fallor, valde a nobis degenerati sunt, nec quid sit militia noverunt, cum infra Oceanum, extra orbem commaneant. Leviter cogendi erunt nobis tributum dare et obsequium Romanae dignitati praestare: prius tamen per nuntios requirendi sunt ut Romanis subiciantur et vectigal reddant ut ceterae gentes, ne nos ipsorum cognatorum nostrorum

#### LIVRO QUARTO

1. Entretanto, aconteceu que nas historietas<sup>29</sup> Romanas se inventou que Júlio César, subjugada a Gália, passou para a Britânia; de facto, assim se escreveu no 693º ano desde a fundação da cidade, na verdade, no 60º ano antes da encarnação do Senhor. Júlio César, o primeiro dos Romanos, impeliu os bretões para a guerra, tendo chegado em cerca de 80 barcos grandes e pequenos. Quando viera para o litoral [da região] dos Rutenos<sup>30</sup> e de lá avistara a Britânia, perguntou aos que estavam à sua volta que terra era [aquela] e que povo a habitava. E, quando foi informado do nome do reino e do povo, vociferou:

«Por Hércules<sup>31</sup>, nós, os Romanos, descendemos [todos] da mesma linhagem, porque procedemos do povo troiano. Depois da destruição de Tróia, Eneias foi para nós o primeiro pai; contudo, para eles foi Bruto, filho de Sílvio [e neto] de Eneias<sup>32</sup>. Mas, se não estou enganado, eles são bastante degenerados em relação a nós, e não conheceram o que quer que seja de experiência de guerra, visto que vivem para além do Oceano, fora do mundo. Rapidamente, eles serão forçados a dar-nos um tributo e prestar obediência à dignidade romana: porém, primeiro, terão de ser obrigados através dos mensageiros, da mesma

<sup>29</sup> O substantivo *historia* é usado aqui pelo autor com uma conotação claramente pejorativa, com o objetivo de distinguir as “historietas” escritas pelos autores romanos sobre a conquista da Britânia da “verdadeira história” que é a que ele escreve. Esta dicotomia vê-se também logo no início do livro IV, quando o autor faz questão de introduzir os dois sistemas de datação, no sentido de distinguir o “nós-cristãos” do “eles-pagãos”.

<sup>30</sup> Povo que habitava a Aquitânia.

<sup>31</sup> Forma romana de jura familiar e, também, coloquialismo, não usado na linguagem formal.

<sup>32</sup> Linhagem patrilinear.

sanguinem fundentes, antiquam dignitatem patris nostri Priami offendamus». Quod cum litteris regi Cassibelauno intimasset, indignatus rex epistulam suam ei remisit, haec verba continentem:

2. «Cassibelaunus, rex Britonum, Gaio Iulio Caesari. Miranda est, Caesar, Romanorum cupiditas: quae, quicquid est usquam auri vel argenti in toto orbe terrarum sitiens, nos extra orbem positos praeterire intactos non patitur. Censum exigis, tributarios nos facere quaeris, qui perpetua libertate hactenus floruimus, qui a Troiana nobilitate, sicut Romani, descendimus. Opprobrium generi tuo, Caesar, si intelligis, postulasti, qui isdem ortos natalibus iugo servitutis subdere non erubuisti. Libertati animos in tantum assuevimus et tam nobis ab antecessoribus familiaris est, ut, quid sit in genere nostro servitus, penitus ignoremus. Quam libertatem, si dii ipsi quoque conarentur auferre, nos omni nisu elaboraremus, ne, quod nobis tamquam insitum a natura est et par cum diis tanto tempore tenuimus, per hominem mortalem amitteremus. Liqueat igitur, tibi, Caesar, pro regno nos et libertate, dum vita comes fuerit, indefessos communiter stare et mortem subire paratos, si tempus nostrae dissolutionis forte institerit».

3. His itaque lectis Caesar, navigium parat; ventis et mari se committens vela erigit ac, aura flante prospera, in ostio Thamensis fluvii cum toto navigio applicuit. Vix terram attigerat et ecce Cassibelaunus rex cum

forma que os restantes povos são forçados pelos Romanos a pagarem o imposto; para que nós, ao derramarmos o sangue nos nossos próprios parentes, não ofendamos a antiga dignidade do nosso pai Príamo». Como intimasse o rei Cassibelauno através de uma carta para aquilo [o pagamento do tributo], o rei, indignado, enviou-lhe em resposta uma carta sua que continha estas palavras:

2. «Cassibelauno, rei dos Bretões, a Gaio Júlio César: César, a ambição dos Romanos é espantosa; esta, uma coisa que está por toda a parte no mundo inteiro, sedenta do ouro e da prata das terras, não permitiu que nós, [embora] fixados fora do mundo, escapássemos intactos. Tu exiges riqueza, queres fazer de nós, que até agora florescemos em perpétua liberdade, tributários; [nós] que, tal como os Romanos, descendemos da nobreza troiana. César, se tu tens consciência do que estás a dizer, lançaste uma desonra sobre a tua [própria] estirpe; na verdade, não tiveste vergonha de sujeitar aqueles que nasceram das [mesmas] origens ao jugo da escravidão. Nós habituámos de tal forma os [nossos] espíritos à liberdade e [esta] é-nos tão familiar desde os primeiros [que cá chegaram], que, desconhecemos completamente qualquer servidão. Uma tal liberdade, se os próprios deuses também [no-la] tentassem tirar<sup>33</sup>, nós aplicar-nos-íamos a todo o custo para que não a perdêssemos, por ação do homem mortal, isto é para nós um insulto por natureza, [visto que] até [a] possuímos igual aos deuses durante muito tempo. Portanto, que [isto] fique claro para ti, César: nós, em defesa do reino e da liberdade, enquanto a vida nos for favorável seremos incansáveis, estaremos preparados para não recuar e enfrentar a morte, se [porventura] o tempo da nossa ruína estiver iminente»<sup>34</sup>.

3. Lidas estas coisas, César, confiando-se aos ventos e ao mar, prepara o navio, iça as velas e, assim que soprou um vento favorável, entrou na foz do rio Tamisa com a frota inteira. Mal tinha chegado a terra com dificuldade. Eis que o rei Cassibelauno com todo o exército dos Bretões

<sup>33</sup> Condição irreal.

<sup>34</sup> Condição potencial.

omni exercitu Britonum Doroberniam advenit, paratus pugnantium copiis non impiger occurrere Caesari. Aderat secum Belinus, princeps militiae suae, cuius consilio et providentia totius regni monarchia tractabatur; duo quoque nepotes sui, viri strenuissimi, Androgeus scilicet, dux Trinovantum 40 et Tenuancius, dux Cornubiae, latus eius stipabant necnon tres sibi subditi reges, scilicet Cridionus Albaniae et Gurthaet Venedotiae Brithaelque Demetiae. Qui omnes ad libertatem tuendam animati dederunt consilium ut in hostes, antequam se castris munissent, haud segniter insilirent et a regno suo eos vivaciter perturbarent. Assensum ergo praebentes cuncti petierunt litora in quibus Iulius Caesar castra et tentoria sua erexerat. Dispositis itaque agminibus, ad bellum intrepidi procedunt, hostibus se comminus offerunt, pila pilis obviant ac tela omnium generum utrimque vibrantur. Hinc et inde mox corruunt vulnerati, telis infra vitalia receptis. Manat tellus cruore morientium ac super ipsa cadavera ferociter pugnatur. Concurrentibus itaque catervis, obtulit casus Nennium et Androgeum duces cum Cantuariis et civibus Trinovantum, quibus praeerant, aciei in qua Caesar erat inseri et cum ictus mixtim ex utraque parte multiplicarent; sors dedit Nennio <occasionem> congressum in ipsum Caesarem faciendi. Irruens ergo in illum toto conamine, laetatur se posse vel solum ictum tanto viro inferre. Quem Caesar, ut vidit impetum in se velle facere, praetense clipeo excepit et, nudato gladio, quantum vires dederunt, ipsum super cassidem et scutum, quo erat ille protectus, tanto conamine percussit, ut gladius inde extrahi a Caesare nequaquam posset. Irruentibus ergo turmis coactus est Caesar gladium Nennio relinquere. Nennius itaque, gladio

chegou a Dorobérnia<sup>35</sup>, preparado para lutar e, com as suas tropas, foi, sem pressa, ao encontro de César. Tinha ido com ele Belino, comandante da expedição, cujo conselho e providência guiavam a monarquia do reino todo<sup>36</sup>; bem como os seus dois sobrinhos, homens muito corajosos, Androgeu, duque<sup>37</sup> de Trinovanto, e Tenuâncio, duque<sup>38</sup> de Cornúbia e escoltavam-no ainda três reis, seus súditos, Criodiono da Albânia, Gurthaet da Venedótia e Britael da Demétia. Todos estes, determinados a defender a liberdade, aconselharam a que, rapidamente, antes d[os Romanos] construíssem um acampamento, se lançassem sobre os inimigos e, com coragem, os acoisassem para fora do seu reino. Então, concordando, todos juntos dirigiram-se para as zonas costeiras nas quais César tinha montado o acampamento e as tendas. E assim, formadas as linhas de combate, intrépidos, avançam para a guerra, oferecem o corpo aos inimigos, opõem-se aos dardos com dardos e armas de todo o género vibram de um lado e do outro. Pouco tempo depois, feridos de um lado e do outro sucumbem, atingidos por dardos nas partes vitais. O terreno fica banhado com o sangue dos mortos, mas continua a lutar-se sobre os próprios cadáveres. Enquanto as tropas lutavam, a desgraça confrontou Nénio e Androgeu com os Cantuários e os cidadãos de Trinovanto, que estavam à frente da linha de batalha em que César estava. Visto que os golpes de ambas as partes, em confusão, se multiplicavam, a sorte deu a Nénio a oportunidade de fazer um duelo com o próprio César. [Nénio], atacando-o com todo o ímpeto, orgulha-se de ter a possibilidade de dar um único golpe em tão grande homem. Como César viu o ataque que ele lhe queria fazer, posto o escudo à frente e desembainhada a espada, tanto quanto as forças lho permitiam, desfez-se do elmo e do escudo, com o qual estava protegido e atacou com força tal que a espada não podia ser tirada do sítio, de modo algum, por César. Em seguida, a cavalaria atacando,

<sup>35</sup> Atual Canterbury.

<sup>36</sup> Neste texto, como explica Ingledeu (1994: 676), *totius regni monarchia* é uma expressão usada como sinónimo de pátria.

<sup>37</sup> No texto latino: *dux*.

<sup>38</sup> Idem.

imperatoris insignitus, eo pugnavit toto certamine et quemcumque eo percutiebat letaliter vulnerabat. Illi ergo in hostes properanti obviavit Labienus, Romanorum tribunus, et a Nennio peremptus est; sicque dimicantibus Romanis et Britonibus magna caedes ex utraque parte facta est plurima parte diei. Denique irruentibus Britonibus strictis turmis et audaces impetus facientibus, victoria eis, favente Deo, provenit.

Nocte superveniente, castra petunt Romani, telorum ictibus graviter vulnerati et labore diurno mirabiliter fatigati sumuntque mox consilium nocte eadem naves ingredi et ad Gallias redire. Abeuntibus itaque Romanis Britones quidem gratulantur de victoria. Sed contigit statim dolere et tristari, Nennio, viro egregio ac bellicoso, de vulnere Caesaris infra quindecim dies moriente. Quem, in urbem Trinovantum delatum, sepelierunt iuxta aquilonarem portam, exsequias ei regias facientes, pro eo quod nepos regis esset et filius, gladium quoque Caesaris, quem in congressu scuto suo retinuerat, in sepulchro iuxta illum, ob memoriam probitatum, collocantes. Nomen gladii scriptum erat in eo, «Crocea Mors», quoniam vix eo quis percussus mortem poterat evadere. Caesare itaque in Gallias appulso, rebellionem moliuntur Galli, dominium Romanorum formidantes. Fugae enim eorum fama divulgata, minus terrori illis iam erant, quorum dominium inviti et coacti susceperant et crescebat quoque fama cotidie, totum mare Britonum navibus plenum ad fugam Romanorum insequendam. Audaciores igitur effecti, cogitabant qualiter Caesarem a finibus suis arcerent. Quod Iulius Callens, noluit anceps bellum cum feroci populo committere, sed, apertis thesauris, maiores atque nobiliores regni vel terrae muneribus donavit, promissisque maioribus, sibi eos allexit, pollicens, si fortu na iuvante a Britannia victor subiugata rediret, populo libertatem, exhereditatis restitutionem, principibus

César foi forçado a deixar a espada em Nénio. Assim, Nénio, conhecido por causa da espada do imperador, combateu com ela com todo o ardor e todo aquele que atingia, feria letalmente. Por exemplo, Labieno, tribuno dos Romanos, barrou-lhe o caminho quando avançava contra os inimigos e foi morto por Nénio. Deste modo, Romanos e Bretões combatendo, houve uma grande carnificina durante quase todo o dia. Por fim, os Bretões atacando com pequenos esquadrões de cavalaria e fazendo assaltos audazes, com a ajuda de Deus, a vitória foi sua.

Ao cair da noite, os Romanos, gravemente feridos pelos golpes dos dardos e extremamente cansados pelo trabalho do dia, dirigem-se ao acampamento e, logo depois nessa mesma noite, decidem ir para os navios e regressar às Gálias. Depois da partida dos romanos, os Bretões alegraram-se, sem dúvida, com a vitória. Porém, imediatamente lamentaram e se entristeceram por causa de Nénio, homem egrégio e belicoso que, quinze dias depois morre devido à ferida provocada por César. Levado para dentro da cidade de Trinovanto, enterraram-no junto à porta mais setentrional, prestando-lhe exéquias régias, pois era sobrinho e filho de reis; junto dele, em memória das suas virtudes, no sepulcro, colocaram também a espada de César, que ele retivera no encontro quando se defendia. O nome da espada «Morte Dourada» tinha sido inscrito nela, porque alguém traspassado por ela dificilmente escaparia à morte. Quando César chegou às Gálias, os Gauleses urdem uma rebelião, com receio do poder dos Romanos; [visto que] divulgada a notícia da fuga deles, aqueles, que oprimidos e escravizados estavam sob domínio, já tinham menos receio e para além disso a cada dia crescia a fama de que por todo o mar havia navios dos Bretões para perseguir a fuga dos Romanos. Assim, já mais audazes, pensavam de que modo poderiam expulsar César do seu território. [Porém,] como César era experiente, não quis começar uma guerra incerta com este povo feroz; mas, abertos os tesouros, presenteou os melhores e mais nobres do reino ou da terra com dádivas e com a promessa de maiores, atraiu-os a si, garantindo que, se vitorioso, regressasse da britânia subjugada, era sua intenção dar ao povo liberdade, aos deserdados reparação e larguezas de

munificentiae largitatem se velle facere. Qui prius leonina feritate fulminans ipsis omnia abstulerat, nunc mitis agnus, humili voce balans, omnia posse reddere laetatur. Nec ab his blanditiis quievit, donec, pacificatis cunctis, amissam potestatem recuperavit, sicque delinitos et pacificatos in tantum amorem sibi omnes devinxit, ut non solum ipsum debellare sed etiam Britonum iniuriam et ferocem audaciam se coercere et vindicare secum promitterent.

generosidade aos príncipes. Este, que em outros tempos irradiando uma ferocidade de leão lhes tinha tirado tudo; agora, qual tenro cordeiro balindo com voz baixa, alegra-se em poder devolver tudo. E não descansou destas lisonjas até ao momento em que, estando todos pacificados, recuperou o poder perdido; assim ligou a si todos, seduzidos e apaziguados por um tão grande amor que se comprometeram não só a vencê-lo, mas também a com ele castigar e a vingar a audácia altiva dos bretões.

4. Paratis itaque omnibus quae ad tantum negotium pertinebant, biennio emenso, navibus sescentis utriusque commodi comparatis, Britanniam 95 iterum adiit et per Thamensem fluvium prosperis velis evectus, urbem Trinovantum primo aggredi temptat. Verum Britones praemoniti, ita alveum fluminis palis ferreis et plumbatis et ad modum humani femoris grossis per totum amnem fixis constipaverunt, ut nulla navis illaesa et sine periculo flumen transmeare posset. Venientes ergo Romani ad illam palorum Charybdim, infiguntur palis, perforantur, naves aquis absorbentur et in hunc modum ad milia periclitantur. Caesar, videns stragem suorum, indoluit et dimisso itinere alvei quod coeperat, ad terram divertere classem imperat. Qui, vix elapsi de periculo, plurimis submersis, terram subeunt, navibus egrediuntur, castra figunt. Et ecce Cassibelaunus ex ripa, quo aderat, aspiciens, gaudet propter periculum submersorum, sed tristatur ob salutem ceterorum. Igitur, ut animose proposuerat, haud segnis, comparatis bellatorum copiis, descendit in proelium datoque signo irrui in Romanos et eos caedere audacter coepit. Romani autem, quamquam periculum passi, viriliter Britonum primam invasionem sustinuerunt et eos a castris propulerunt: audaciam pro muro non minimam habentes ex hostibus stragem fecerunt. At Britones suorum agminibus constipati, multo maiorem numerum armatorum quam prius conflaverant, ita ut aestimarentur tricies maiorem numerum habere. Augmentabantur praeterea omni hora super-venientibus turmis undique; Caesar autem videns eorum multitudinem atque invincibiles eorum impetus se non posse sustinere, receptui canens certamen diremit et suos ad castra redire coegit, ne maius periculum sustinerent. Naves igitur protinus ingreditur et ad Gallias, aura flante prospera, quantocius devenit, ibique prope litus turrim ingressus, quam ipse antea sibi praeparaverat propter dubios belli eventus, tuto se collocavit loco. Turri illi Odena nomen erat, ubi exercitum misere dilaceratum

4. Dois anos depois, estando preparados todos os que serviam tão nobre causa e prontos seiscentos navios das duas partes na devida medida, [César] foi pela segunda vez para a Britânia e tendo subido pelo rio Tamisa com as velas insufladas, tenta, em primeiro lugar, chegar à cidade de Trinovanto. Ora, os Bretões avisados, estreitaram o leito do rio com estacas de ferro e de chumbo da grossura das coxas de um homem espetadas ao longo de todo o leito de forma a que nenhum navio pudesse atravessar o rio ileso e sem perigo. então os romanos, ao chegarem àquela Caríbdis<sup>39</sup> de estacas, são espetados e traspassados pelas estacas, os navios são engolidos pelas águas e, deste modo, perecem aos milhares. César, ao ver o infortúnio dos seus, afligiu-se e, desviado o percurso do rio que traçara, ordena que a armada divirja para terra. Os que, a custo, escaparam ao perigo, visto que muitos se afogaram, recolhem-se em terra, abandonam os navios [e] montam acampamento. E eis que da margem Cassibelauno, contra o qual ele combatera, ao observar [aquilo], alegra-se ao ver o destino dos afogados, mas aflige-se com a saúde dos outros. Portanto, como determinara destemidamente, de imediato, tendo reunido as tropas, desceu energicamente para a batalha e, dado o sinal, precipitou-se sobre os Romanos e começou a matá-los com audácia. Os Romanos, porém, ainda que tivessem partilhado a experiência [anterior], sustiveram com vigor o primeiro ataque dos Bretões e fizeram-nos recuar às fortificações: tendo uma grande audácia diante da muralha fizeram a matança dos inimigos. Todavia, os Bretões, reunidos nas fileiras dos seus, tinham reunidos um número de soldados muito maior do que antes, de tal forma que julgavam ter um número três vez maior. Além disso, eram providos pela cavalaria, que chegava a toda a hora de todos os lados; César, por seu lado, ao ver a multidão deles e os seus ímpetos invencíveis que ele não poderia suster, dando sinal de retirada, pôs fim ao combate [e] forçou os seus a voltar ao acampamento para que não tivessem de suportar um perigo maior. Em consequência, entra logo nos navios e dirige-se para as Gálias, soprando um vento favorável, chegou mais depressa, e aí, perto da costa, tendo entrado num forte que ele

longa admodum quiete refecit et proceres  
terrae ad se colloquendum  
venire fecit.

próprio antes construía para si por causa dos momentos críticos de guerra, pôs-se num lugar seguro. Aquele forte tinha por nome Odena, onde, com grande tranquilidade, refez o exército desgraçadamente dilacerado e fez vir nobres da terra para conversar com ele.

---

<sup>39</sup> Uso metafórico do monstro marinho, personagem da *Odisseia* de Homero. Veja-se Grimal (1989: 86-87, tradução castelhana): «En la roca que, cerca de Mesina, bordea el estrecho que separa Italia de Sicilia, vivía en otro tiempo un monstruo, llamado Caribdis. Era una hija de la Tierra y de Posidón, y durante su vida humana había mostrado una gran vo. Cuando Heracles pasó por allí conduciendo los rebaños de Geriones, Caribdis le robó varios animales y los devoró. Zeus la castigó fulminándola y precipitándola en el mar, dondese convirtió en monstruo. Tres veces al día, Caribdis absorbía agua de mar en gran cantidad, tragándose todo que flotaba, incluso los barcos que se hallaban en aquellos parajes; luego devolvía el agua absorbida. Cuando Ulises cruzó el estrecho de Mesina, escapó una vez al monstruo, pero tras el naufragio que siguió al sacrilegio contra los bueyes del Sol fue arrastrado, sobre el más-til de su nave naufragada, por la corriente de Caribdis Sin embargo, tuvo la habilidad de agarrarse a una higuera que crecía en la entrada de la gruta donde se ocultaba el monstruo.Después, cuando volvió a salir el mástil vomitado por Caribdis, Ulises lo recobró y reanudó su viaje».